

una colección bilingüe de un poeta brasileiro donde se mecen dos lenguas hermanas, permitiéndole al lector que desconoce el portugués de gozar y cotejar a la vez las distintas versiones.

Lengua hermana con sus raíces en el rincón gallego de la Península Ibérica, el portugués se presta a la expresión poética con sus sibilantes palatalizados y resonancias nasalizadas asegurándole un carácter distintivo y eufónico de inimitables sonidos.

JOSÉ LÓPEZ HEREDIA

Baruch College (CUNY).

EUGÊNIA SERENO (pseud.): *O Pássaro da Escuridão (Romance antigo de uma cidadezinha brasileira)*. «Menina dos Vagalumes», prefácio de Osmar Pimentel; «Entre lirismo e epopéia» e «O Pássaro da Escuridão», epílogos de Paulo Rónal e Plínio Salgado, respectivamente; 4.^a edição, corrigida e ampliada. São Paulo: HUCITEC (Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia), 1978.

Quem comprar o *roman-fleuve* de Eugênia Sereno pode ter certeza de estar empregando bem o seu dinheiro, desde que lhe agrade dar uma espiada em vidas provincianas e que aprecie uma linguagem exuberante. Abordando inicialmente este segundo aspecto, creio que Sereno domina um vocabulário incrivelmente rico. Se alguém, sobretudo um estrangeiro, trabalha sob a ilusão de que conhece perfeitamente o português, que leia este livro e, sem perigo de erro, pode-se apostar que ele não será capaz de definir todos os regionalismos e coloquialismos brasileiros, os termos eruditos, os arcaísmos e os africanismos que a autora usa com flagrante prazer.

Veja, por exemplo, o parágrafo seguinte, no qual o velho Frei Serafim, o único padre na cidadezinha de Mororó-Mirim (que é a verdadeira protagonista da obra) lamenta o fato de *Seu Badaró*, um virtuoso paroqueiano, ter caído em pecado:

—Deus-do-Céu! Invés de ficar assim, cativa do pecado, entidade tão vilipendiada para a alma, esta minha pobre ovelha espinoteada devia mais é de andar armada, encouraçada contra ela. Devia de estar em relações cordialísimas com as coortes celestes, a fim de transpassar num vôo sem curva os etéreos umbrais, por entre as aleluias dos anjos e grandes recebimentos e bimbalhadas dos sinos todos do Céu e demais honras místicas. Seu Badaró, filho meu, vosmincê bem que tinha salvo-conduto pra o Céu, vosmincê usufruía credenciais, rigorosamente abonadoras. Que está se dando com vosmincê? Quando dou tento, quando menos espero, topo com vosmincê nessa pioração, nesse desmancho de vida, caído aí pra o chão, padecendo soçobro frente as pessoas, sem embuço nenhum. Vosmincê, nesta hora, devia estar é sonhando igual Jacó, a ver anjos brancos, brilhosos, num escadório, subindo e descendo do Céu, por degraus dourados. Se vosmincê tivesse algum juízo, filho meu, vosmincê ganharia os gozos sempiternos. Mas porém, ao que vejo, este extravio de querer cair em tentação, não tem mais jeito nenhum de salvação, nem remedeio. Ah! meu Deus, quão improfícua tem sido a homilética, que tão veemente eu clamo! (p. 257).

Como ela adora aliteração (em relações cordialísimas com as coortes celestes) e linguagem rimada (pioração ... pra o chão), como ela joga com coloquialismos

(vosmincê, pioração, escadório, remedeio), como ela os realça quando os mescla com vocabulário erudito, tomado, neste caso, da teologia (as coortes celestes, a homilética improficua) e como ela confia em efeitos sonoros (as aleuias dos anjos, bimbalhadas dos sinos todos, tão veemente eu clamo)! Contudo, o parágrafo acima é de fácil compreensão. Vejamos um outro, também típico, mas que imita o vocabulário e até a pronúncia do sertão, chegando mesmo ao exagero, com algumas de suas criações *porte-manteau* para equilibrar. Durante uma acalorada discussão entre o mesmo Badaró e o jovem Badeca, pelo qual a inconstante Candoca abandonou o velho Badaró, este exige uma confissão completa:

—Então, por que não abre o bué duma vez, hein, seu sujeitinho cara-de-bicho-canguru? Não vê que de parola já estou cheio? Pensa, então, que eu não bacorejava que vosmincê, sob pena de renhir comigo, vivia piançando pela Candoca? Bem que eu sabia e agora, o que eu redigo que espero, e que vosmincê me dê conta dela, já e já, seja viva, seja morta, seja na tripa da sororoca, consoante seu bobo falar. Isso de fuga lá pra banda da Serra, isso aqui é mais é treta sua. Vejo nos seus olhos. Pura escapatória! Sim ou não, alma do diabo?

A que, apavorado, Badeca replica, tentando ganhar tempo:

—Largue de bocagem ruim, home do Céu! Ai, meu Deus, que cangüira! Ô Candoca pra dar trabalhêira! Se o povo suberem! Que não dizerão? Vão dar vaia em nós, vai ver! Vão se rir às nossas custas e que vai ser de nós? Isto devia ficar em família... Entenda, seu ancião assanhudo! Vosmincê tá fazendo muito barulho de urro e berro e de palavra cabeluda! Vamos servir de pasto pra tanta gente olhante, sarcasificante (p. 339).

Existe um enredo? O livro começa e termina com capítulos atmosféricos que falam da cidadezinha plantada na Serra da Mantiqueira, na fronteira de São Paulo com Minas Gerais, suas madrugadas, crepúsculos e noites. Retratam também seus habitantes, os donos de terras, os devotos e os supersticiosos, o praticantes de feitiçaria, o preto curandeiro Coxomongo, a pura Heliadora, que socorre os doentes e os pobres (inspirada numa tia da autora) e vários outros personagens típicos. Uma história aparece como peça central, ocupando menos da metade da obra. Conta a sedução de Seu Badaró pela devassa Candoca, uma mulatinha brasileira. Termina com a volta de Badaró, mortificado e arrependido, para sua bondosa esposa Dona Pureza e, logo depois, a morte edificante de Pureza: enquanto uma pomba branca entra voando no quarto da enferma, o «pássaro da escuridão», a coruja, *morosa musa da morte* (p. 9) voa para fora, anunciando sua morte iminente (tal como anunciara todas as outras, inclusive a da cidade). Não há viravoltas inesperadas no enredo, nem cenas comoventes, a não ser que alguém se emocione com a tragédia fundamental —o horror de ficar velho, que Badaró não quer aceitar. Qualquer ação que apareça acaba ficando muito lenta, devido a conversas intermináveis. O que mais se poderia esperar da sonolenta Mororó-Mirim, *o mundo em miniatura, onde nem tudo vai às mil maravilhas?* (p. 439). Não, este livro não é um romance: falta-lhe um princípio ou um fim identificável. Somente a página de rosto chama-o romance. A própria autora o define como *histórias místicas, líricas, satíricas, dramáticas* —podendo-se ainda acrescentar *sensuais, supersticiosas, gastronômicas, folclóricas, passadistas, familiares*—, *que tentaram projetar o perfil de uma cidadezinha-morta* (p. 566).

Em vários capítulos há o predomínio da sátira, numa desforra pelo tédio e enclausuramento que a autora deve ter sofrido quando garota. É muito possível que ela tenha retratado a si própria naquela esguia adolescente de rabo de cavalo que, na janela, esperava em vão ver surgir um rapaz casadoiro no quarteirão. Sabemos que Mororó-Mirim («Little Plodder») representa uma cidade real —São Bento do Sapucaí— onde Eugênia foi criada.

Seus leitores vivem em cidades progressistas, onde o passado vai sendo rapidamente destruído por construções impessoais, cosmopolitas, de concreto padronizado. Não é de se admirar que o livro os atraia, satisfazendo a nostalgia do passado e sufocando esta saudade.

Sereno, sobrinha de Ribeiro Couto e Plínio Salgado, sabe como escrever. Suas histórias não chegam a ser obras-primas como as de Guimarães Rosa, com sua profundidade metafísica, mas podem facilmente ser comparadas à literatura regionalista do passado, à qual a autora somou seus sorrisos e lágrimas.

GERALD MOSER

The Pennsylvania State University.

NÉLIDA PIÑON: *O calor das coisas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

O título do novo livro de Nélida Piñon me lembrou a queixa de uma amiga brasileira naquela pequena cidade universitária de Nova Inglaterra onde passávamos o inverno: «Falta-me o calor humano aqui.» Sendo nativa daquela região inhóspita, nunca me tinha ocorrido tal observação mas tencionei fazer uma comparação a próxima vez que fosse ao Brasil. Fiel a minha palavra mas não de acordo com a intuição positiva da amiga brasileira, notei que, de fato, havia muito calor humano em seu país —ônibus tão cheios que os passageiros ficavam como sardinhas numa lata, tanta gente na calçada da Nossa Senhora de Copacabana que era um curso de obstáculos caminhar, enfim, pessoas apinhadas em todos os lugares públicos. Era calor humano demais. Essa é a impressão que tive do uso da metáfora como título da nova coleção de contos de Nélida Piñon.

No calor das coisas, as relações humanas são sufocantes e os personagens ou se devoram, ou são oprimidos um pelo outro, ou as relações são incômodas e exploradoras. Há uma grande ironia na declaração que mais sublime que o amor só a amizade. No conto do título do livro, o amor entre mãe e filho torna-se edipano num fundo de imagens culinárias e a metáfora de gordura. Usando diferentes aspectos retóricos, Nélida se mantém como mestra do seu ofício. A sua versão da «Missa do Galo» é uma reescritura do famoso conto machadeano que nos dá um novo ponto de vista, o de Menezes, o marido infiel, em lugar da narrativa do adolecente Nogueira. Além de referências históricas e culturais sobre a época machadeana e ao Machado de Assis dramaturgo, o narrador nos dá uma perspectiva sobre a vida interior dum personagem que mal conhecemos no conto original. Mais uma vez, a ironia predomina.

Na prática e nas observações sobre sua arte, a autora emprega técnicas das mais modernas na sua «odisséia de uma narrativa inimiga de qualquer seqüência e noção de tempo» (p. 172). Onde faltam transições, somos obrigados muitas vezes a reler. Embora demonstre preocupação sobre o tempo, o essencial para Nélida se reflete na sua frase: o único capítulo possível da existência é transferir para o outro